

EDUCAÇÃO E SAÚDE - QUE PANORAMA ?

AGOSTINHO MOLEIRO *

A arte e a ciência de tratar com crianças, de as promover a cidadãos independentes, de pesquisar nelas o seu "*modus vivendi*" e a natureza dos seus desejos.

A arte e a ciência de lhes transmitir confiança e segurança, de lhes respeitar as diferenças e as potencialidades.

São também **EDUCAÇÃO**.

Uma Educação globalizante, veiculada por uma Escola aberta à realidade social envolvente e tomando em atenção as características e diferenças pessoais e familiares de cada criança.

É sedutor pensar nessa Escola imaginária, uma escola da vida, que a ela dá e dela tira, o que se aprende ou se cria e o que se vive na experiência do dia a dia; uma escola sem regras ou normas esterelizantes e isenta de pressões ou condicionantes económico-sociais.

Se é certo que a Escola de hoje (a dos meus filhos) entrou em rotura com a Escola de ontem (a minha), também é verdade haver um longo caminho a percorrer, do acesso limitativo e abordagem estereotipada dos programas até à relação Escola-Criança-Pais-Meio, aspecto de primordial importância em educação e que com frequência se assume como anti-educativa.

Para nós a professora era "*a Senhora*", intocável e autoritária, a quem tínhamos um respeito e medo sufocantes.

Os nossos filhos falam da "*minha professora*", "*ela hoje ia muito gira*", "*é assim porque disse a minha professora*", etc. Ela é uma figura de quem se gosta e em quem se confia. São estas relações de confiança e amizade o ponto fulcral que gera criatividade e libertação da criança - isto é a sua educação.

O papel da Escola é favorecido pela sequência de vivências prévias positivas, familiares ou sociais e na simultaneidade de uma integração familiar equilibrada e afectivamente rica.

Dir-se-á que são condições insubstituíveis, ambas se completam e a ausência de qualquer delas cria condições de desadaptação da criança nas diversas áreas, nomeadamente a nível comportamental.

A família é de facto e de "*juri*" o meio natural do desenvolvimento infantil, conhecendo-se hoje melhor os malefícios da separação mãe-filho, logo desde o nascimento.

* Pediatra em Beja

Neste aspecto e face aos problemas decorrentes da colocação extra-familiar de crianças com menos de 3 anos, compreende-se a discussão em volta dos "prós e contras" a essa colocação e das respectivas consequências.

É caso para questionarmos: Será que a Sociedade planeia ou deseja o maior equilíbrio dos seus filhos? Estará ela aberta à discussão franca desse "maior equilíbrio"?

As dúvidas parecem-nos legítimas e em nossa opinião a chamada educação da 1ª e 2ª infância é uma exigência sócio-económica e pseudo-cultural, que pouco tem a ver com as necessidades fundamentais da criança: ser saudável e viver bem.

Ao equívoco social de que as Creches e Jardins de Infância são uma necessidade para toda a criança, com influências positivas no seu futuro, contrapomos a preferência por um acompanhamento familiar alargado, sempre que possível, valorizado e apoiado socialmente. A necessidade sócio-económica da "institucionalização" não coincide com as necessidades educativas nem com os direitos fundamentais da criança. Ao inverso, a demissão familiar voluntária ou não, já frequente entre nós, trás consigo a insegurança aos mais novos e uma angústia desumanizante aos mais idosos.

Os custos sociais de uma família pulverizada durante o dia, física e psicologicamente cansada à noite, reflectem-se sobre a saúde e educação dos filhos. Que o digam os muitos milhares de pais que largam os filhos pela manhã para os retomar ao anoitecer, voltando a correr ao dormitório onde todo o tempo é pouco, para uns e para outros e muito menos para todos.

A acompanhar o desenvolvimento económico e tecnocrático há que promover novo tipo de relações humanas e sociais, tendo em vista a satisfação das necessidades globais da criança numa perspectiva de ligação à família, à escola e à sociedade.

Do ponto de vista profissional, a preocupação dos professores com o estado de saúde dos seus alunos e das condições higiénico-sanitárias do meio ambiente, acompanha-se logicamente pelo conhecimento do médico (pediatra ou de família) dos problemas escolares com repercussão na vida e saúde da criança.

Esta interligação profissional, muitas vezes alargada a outros sectores nomeadamente à assistência social, é deveras importante no apoio e acompanhamento da criança e da sua família.

O papel das Instituições de Saúde e de Educação nem sempre é linear e objectivo. Por vezes através delas são transmitidos conceitos e atitudes cuja tradição não coincide com a realidade, nem a ela ajuda. Dois exemplos: Programas e profissionais de saúde veiculam com frequência a informação de que é imprescindível a um bom aproveitamento escolar um bom e completo pequeno-almoço; no entanto a maioria dos pais observa que os filhos têm pouco apetite a essa hora e que se forçados vomitam. Há razões, inclusive fisiológicas, que explicam a sua normalidade apesar dessas irrealistas recomendações.

O outro exemplo vem da escola: as mães e pais são aconselhados pelos professores a levarem os filhos ao médico, devido ao seu menor sucesso escolar, com indicação de eventual tratamento com os chamados "fortificantes cerebrais" e a realização de "exames à cabeça". Porventura a colaboração e apoio médicos serão pertinentes, mas não há qualquer prova do benefício dessas "drogas e exames" nessas circunstâncias.

Pela nossa experiência, constatamos que são frequentes os problemas desencadeados por essas "referências e terapêuticas", transformando crianças normais em crianças "socialmente doentes".

É assim que fora da patologia orgânica, as alterações de comportamento são a situação clínico-psico-social mais frequente em consultas de Pediatria na idade escolar.

Estão habitualmente relacionadas com a Escola ou com a Família e constituem uma preocupação que nós apelidamos de "Problemas da vida", para evitar o rótulo de "doença" ao qual naturalmente todos se colam: criança, pais e professor.

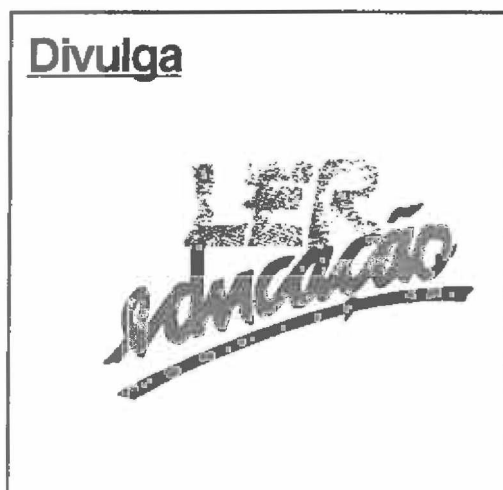
Culturalmente e por formação profissional também os técnicos de saúde - médicos e enfermeiros, valorizam quase sempre os aspectos orgânicos e meios de diagnóstico, em prejuízo de um contacto mais informal com a criança e família e da informação dos professores.

Sem esquecer que por detrás de uma alteração de comportamento pode estar uma doença orgânica, cabe aos profissionais de educação e saúde ouvir a criança e a família, tentar compreender e reavaliar situações de *stress* ou de práticas mais ou menos agressivas sobre a criança.

No nosso contexto profissional os problemas básicos, não orgânicos, mais comuns são:

- Crianças com menor sucesso escolar para o qual se procura causa orgânica ou mental e habitualmente rotuladas de incapazes.
- Crianças com modificações comportamentais por dificuldades de adaptação à nova vida escolar, medo puro e simples do professor ou das suas exigências escolares ou disciplinares.
- Sobrecarga escolar em tempo e trabalhos para casa.
- Explicações suplementares à escola (particulares ou dos pais).
- Chantagem ou violência física dos professores ou pais.

Enfim, um "carrossel" de circunstâncias que se servem da criança e dos seus tempos livres, em proveito de conceitos e práticas obsoletas e desumanizantes que nada têm a ver com A CRIANÇA FELIZ E SAUDÁVEL, que todos desejamos mas nem sempre conseguimos.



FRIMAIS

SOCIEDADE DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LDA.

- . EQUIPAMENTOS HOTELEIROS
- . COZINHAS E LAVANDARIAS INDUSTRIAIS
- Representante ZANUSSI
- . AR CONDICIONADO
- Representante FNAC

Rua dos Açoutados, 17

☎ 2 35 23 7800 BEJA

